

□ Tempo de leitura: 17 min.

são Luís VERSIGLIA, sdb (1873-1930)

O carisma de Dom Bosco, centrado numa paternidade educativa impregnada de paixão apostólica, não gerou apenas sacerdotes e missionários, mas também pastores da Igreja que viveram o episcopado como extensão do “Da mihi animas” salesiano. Esta síntese percorre o testemunho luminoso de nove bispos – desde o protomártir São Luís Versiglia até o cardeal Augusto Hlond – cujas causas de canonização atestam sua fama de santidade. Em seu ministério, muitas vezes exercido em fronteiras missionárias ou em tempos de perseguição, brilham a confiança filial em Maria Auxiliadora, o cuidado dos pobres, o zelo catequético e a disponibilidade ao sacrifício até o sangue. Suas histórias mostram como a espiritualidade salesiana pode florescer em uma plenitude episcopal profundamente audaciosa, alegre e universal.

1. Luís Versiglia (1873-1930) bispo, mártir, santo

Em 1885, São João Bosco revelou aos Salesianos reunidos em São Benigno Canavese, no Piemonte, que havia sonhado com uma multidão de meninos que vinham ao seu encontro dizendo: “Esperamos muito por você!”; em outro sonho, viu dois grandes cálices se erguerem para o céu, um cheio de suor e outro de sangue. Quando, em 1918, um grupo de missionários salesianos partiu de Valdocco, em Turim, com destino a Shiu-Chow, em Kwang-tung, na China, o Reitor-Mor, P. Paulo Álbera, deu-lhes o cálice com o qual havia celebrado as bodas de ouro de consagração e os 50 anos do santuário de Maria Auxiliadora. O precioso e simbólico presente foi entregue pelo P. Sante Garelli a Dom Versiglia, que declarou: “Dom Bosco viu que quando na China um cálice se enchesse de sangue, a Obra salesiana se difundiria maravilhosamente entre este imenso povo. Você me traz o cálice visto pelo Pai: a mim cabe enchê-lo de sangue para o cumprimento da visão”.

Em 1920, a missão de Shiu-Chow, no norte de Kwang-tung, foi erigida como vicariato apostólico e logo se espalhou a notícia de que o P. Versiglia seria eleito

vigário e consagrado bispo. Ele escreveu cartas angustiantes aos superiores em Turim, declarando sua absoluta incapacidade e implorando-lhes que o eximissem desse cargo. Dom De Guébriant, por outro lado, declarou publicamente que, se a escolha fosse feita pelo povo, até mesmo as crianças aclamariam o P. Versiglia como pai e pastor.

Em 12 anos de missão, de 1918 a 1930, o bispo Dom Versiglia conseguiu realizar prodígios em uma terra nem sempre favorável aos católicos. O bispo não se detinha diante de nada, nem mesmo diante das carestias, das epidemias, das derrotas que se apresentavam a ele e a seus colaboradores, nem sempre recompensados humanamente: apostasias, calúnias, abandono, incompreensões, covardia... Mas tudo era superado graças à oração intensa e constante.

Na primavera de 1923, ele entrou em contato com o Carmelo de Florença para obter irmãs que rezassem, sofressem e se oferecessem vítimas a Deus por sua missão. Por sua parte, ele multiplicou não só as orações, mas também as penitências, fazendo uso de cilícios e disciplinas. As Carmelitas não tardaram a ter uma grande consideração por Dom Versiglia, mas ele escreveu assim à superiora em 15 de outubro de 1928: “Você me considera um santo... Não, não, minha Reverenda Madre: saiba que você tem a ver com o mais mesquinho e necessitado dos missionários... O desejo de ser santo, sim, eu tenho... Isso também é fruto das suas orações. Mas estou muito longe de sê-lo”. Diante das dificuldades, da falta de meios, da escassez de forças, exclamava: “Temos Deus conosco, temos a Virgem Auxiliadora, temos também um grande tesouro e uma riqueza inesgotável: o espírito de Dom Bosco”.

Na hora do martírio, o bispo não só quis dar a vida pela segurança das catequistas, mas antes de tudo pela salvação do jovem sacerdote que o acompanhava, o P. Callisto Caravario, implorando aos agressores: “Eu sou velho, matem-me. Mas ele é jovem, poupem-no!”. Era 25 de fevereiro de 1930. O espírito salesiano de Dom Bosco se abre, na lógica do *“da mihi animas”*, ao misterioso segredo do sofrimento até o martírio. Dom Bosco disse explicitamente: “Se o Senhor, em sua Providência, quisesse que algum de nós sofresse o martírio, por que deveríamos nos assustar?”.

2. Luís Olivares (1873-1943) bispo, venerável

Em 15 de julho de 1916, Bento XV promoveu o P. Luís Olivares, zeloso pároco

salesiano na igreja de Santa Maria Libertadora, em Roma-Testaccio, às sedes episcopais de Sutri e Nepi. O novo bispo escreverá entre seus propósitos: “Quero que a carta de apresentação da minha vida episcopal seja a caridade: sincera, paciente, benéfica, espiritual, disposta a todo sacrifício”. Essa caridade se expressava antes de tudo no amor a Deus, na oração, na perfeita conformidade com a vontade divina, no diligente cumprimento dos deveres e na fiel observância da lei do Senhor. Estava pronto para todo trabalho e sacrifício pelo bem das almas. A característica marcante da figura de Dom Olivares era a amabilidade de seus modos, a afabilidade de seu rosto, a delicadeza de seu espírito. Ele soube testemunhar a difícil combinação que escolheu como lema episcopal, *“Suaviter et fortiter”*, eco daquela “amorosa bondade” tão inculcada por Dom Bosco. Amava extraordinariamente seus sacerdotes, compreendendo-os e defendendo-os sempre.

Dom Luís Olivares governou a diocese de Sutri e Nepi de 1916 a 1943 e foi Administrador Apostólico das dioceses vizinhas de Civita Castellana, Orte e Gallese de 1928 a 1931. Morreu em 19 de maio de 1943 em Pordenone, onde se encontrava para pregar um curso de exercícios espirituais aos jovens do Liceu do instituto salesiano. A fama de santidade após sua morte foi imediata e vasta. Um dos médicos que o tratou no hospital de Pordenone confessou: “Enquanto a Igreja Católica tiver exemplos como este, estará destinada a triunfos sempre novos e maiores. Homens assim podem pregar o Evangelho e pretender ser ouvidos até mesmo pelos incrédulos”.

3. Estêvão Ferrando (1895-1978) arcebispo, venerável

Em 24 de maio de 1922, ao final da primeira procissão mariana, os poucos salesianos do Assam, guiados por Dom Luís Mathias, rezaram assim: “Consagramos a ti esta terra, suas montanhas, seus rios, seu povo e todos os seus habitantes”. Poucos anos depois, os salesianos e outros descreveram as Missões de Assam como “o milagre de Nossa Senhora”. Uma referência válida para toda a realidade missionária e a presença salesiana na Índia.

Dom Mathias escolheu como lema para o grupo pioneiro: *“Audácia e esperança”*. Mas não só os pioneiros, também os seus sucessores viveram este lema. Muitos tiveram uma vida de heroísmo e a sua santidade está em vias de reconhecimento. Entre os nomes mais conhecidos: Constantino Vendrame, Orestes Marengo, Francisco Convertini, Estêvão Ferrando. Em Assam, a Igreja passou de 5.000 para

1.200.000 católicos, espalhados por 15 dioceses; e em uma nação com 1,2 bilhão de habitantes e menos de 2% de católicos, o impacto das instituições “Dom Bosco” está além de qualquer imaginação.

Em 9 de julho de 1934, o P. Estêvão Ferrando foi nomeado, para sua surpresa, bispo da diocese de Krishnagar por Pio XI. Em 10 de novembro do mesmo ano, recebeu a solene consagração episcopal em Shillong. Seu lema foi “Apóstolo de Cristo”. Apenas um ano depois, voltou a Shillong como bispo, onde permaneceu por 34 anos. Trabalhou com zelo na vasta diocese que então abrangia toda a região do nordeste da Índia. Ao tomar posse da nova diocese, beijou o solo e confiou seu destino a Jesus Crucificado. Pediu aos seus sacerdotes que fossem às aldeias anunciar o Evangelho. Ele próprio se deslocava continuamente. Como apóstolo de Cristo, visitava a pé as zonas missionárias e as aldeias. Costumava dizer aos sacerdotes: “Não podem andar de carro para converter almas; para se aproximarem do povo e resolverem os seus problemas, têm de ir a pé”. Seguindo o exemplo do Apóstolo das Gentes, ele se faz tudo para todos, aprendendo línguas, costumes e tradições para compreender o *ethos* dessas pessoas e pregar-lhes Cristo de forma mais eficaz. Seu apostolado é caracterizado pelo estilo salesiano: alegria, simplicidade e contato direto com as pessoas. Ele se aproxima dos jovens, dos pobres e dos necessitados; com amor, vai ao encontro de todos.

Começando com um grupo de catequistas indianas, às quais ensinou o amor a Jesus, a Maria Auxiliadora, a Dom Bosco, às missões e aos pobres, fundou a Congregação das Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora. Em 26 de junho de 1968, após participar dos trabalhos do Concílio Vaticano II, renunciou à sua diocese. Na Itália, o velho bispo missionário retirou-se para a casa salesiana de Quarto (Gênova). Em 1970, escreveu: “Aqui na Itália, perguntam-me frequentemente: ‘Por que você deixou Assam após 47 anos de vida missionária?’. Respondo: porque finalmente chegou o dia que eu esperava há 47 anos, o dia em que a Igreja na Índia pode ser autônoma!”. Ele morreu em 20 de junho de 1978.

4. Otávio Ortiz Arrieta (1878-1958) bispo, venerável

Primeiro salesiano, primeiro salesiano sacerdote e primeiro bispo salesiano do Peru, ainda muito jovem, foi definido como “uma pérola salesiana”. Em 1918, a diocese

de Chachapoyas ficou vaga. Por proposta do Núncio Apostólico, Dom Lourenço Lauri, Ortiz Arrieta foi eleito e consagrado bispo em 11 de junho de 1922. A diocese de Chachapoyas compreendia então um território de 95.200 quilômetros quadrados e uma população de 250.000 almas. Após um mês de viagem, chegou à sua sede episcopal recebido como um anjo enviado do céu, após cinco anos de sede vacante. Foi um modelo de bispo e tornou-se um mártir do dever. Queria estar sempre visitando seus filhos. Sua vida foi uma contínua viagem: longos dias a cavalo, a pé, na cordilheira, nas florestas, nos rios.

Subia até picos gelados para depois descer em vales tórridos.

Nunca se concedeu verdadeiras férias: quando estava longe, seus pensamentos voltavam-se para onde havia “tantas almas que procuravam o Pastor”. Conservou sempre o estilo salesiano: amável, acolhedor, habitualmente alegre, próximo das pessoas. Os jovens enchiam as salas de seu antigo palácio episcopal. Organizou a banda musical e ele mesmo, com simplicidade, substituíam o instrumentista que faltava ao compromisso. Com a paixão pelo catecismo no coração, ele o ensinava sempre que o tempo lhe permitia. Era um organizador nato: celebrou três Sínodos diocesanos e organizou um Congresso Eucarístico bem-sucedido; reorganizou os arquivos paroquiais; criou associações e confrarias; publicou um jornal.

Tinha um amor especial pelos seus padres. Morava no seminário e, uma vez por mês, tornava-se ele próprio seminarista, compartilhando tudo com eles. Rejeitava as honras: quando lhe ofereceram a sede primacial de Lima, insistiu em permanecer na sua humilde Chachapoyas. Era um homem de grande vida interior, sempre unido a Deus, que via em cada acontecimento. Quando pregava, todos sentiam sua santidade sacerdotal e a chama do amor de Deus que ardia em seu coração. Tinha o rosto sereno tanto nos momentos de alegria quanto nos momentos de provação, porque tinha a arte de esconder suas dores em um sorriso constante.

5. Augusto Hlond (1881-1948) cardeal, venerável

Em 1922, tendo a Santa Sé de providenciar a organização religiosa da Silésia polonesa, ainda sangrando pelas lutas políticas e nacionais, o Papa Pio XI confiou a Dom Augusto Hlond esta delicada missão, nomeando-o Administrador Apostólico. Dom Hlond, com sua caridade, retidão e espírito de sacrifício, soube, em três anos, compor as coisas com satisfação dos poloneses e dos alemães, de modo que a

Santa Sé pôde criar, em 1925, a nova diocese de Katowice. Em 24 de junho de 1926, Pio XI o promoveu às sedes arquiépiscopais de Gniezno e Poznan e o nomeou Primaz da Polônia. No ano seguinte, em 20 de junho, o criou cardeal e lhe concedeu o título de Santa Maria da Paz. Nos 21 anos de cardinalato, além do ministério pastoral ordinário nas duas arquidioceses, como Primaz, dedicou todas as suas energias à heroica nação polaca num período dramaticamente difícil. Patriota leal e sensível a todos os sofrimentos que partilhava com o seu povo, recebeu da Santa Sé também o cuidado dos polacos da diáspora, dispersos por várias partes do mundo. E para poder prestar-lhes toda a assistência espiritual necessária, a convite do Papa Pio XI, fundou uma Congregação: a Sociedade de Cristo Rei para os emigrantes da Polônia.

Infelizmente, a Segunda Guerra Mundial perturbou sua ação pastoral. Na verdade, com a invasão da Polônia, o cardeal foi uma das primeiras vítimas designadas pelo nazismo, que encontrou nele um defensor intrépido e autorizado dos direitos da pessoa humana, da liberdade da pátria e da Igreja. Começou então o seu calvário, que o obrigou ao exílio até ao fim da guerra. De regresso à Polônia, mantendo a sede primacial de Gniezno, foi nomeado arcebispo de Varsóvia. Infelizmente, também na Polônia a alegria da libertação foi muito rapidamente ensombrada pela violência extremista e pela pressão soviética, que levou mesmo à ruptura da Concordata. No entanto, o cardeal, forte na sua fé e orgulhoso do seu patriotismo, tal como tinha defendido o povo polaco dos horrores do nazismo, continuou com vigor pastoral a defendê-lo do ateísmo bolchevique, dedicando-se à proteção dos oprimidos, à resolução de questões sociais, ao conforto e à ajuda dos sem pão e dos sem teto. A Santa Sé confiou-lhe também a organização religiosa da zona germânica, cedida à Polónia em compensação pelos territórios absorvidos pela Rússia; uma tarefa colossal, que ele cumpriu com grande tato e prontidão, constituindo cinco grandes Administrações Apostólicas e nomeando, em nome da Santa Sé, os respectivos titulares. A divina Providência salvou-o de mais de um atentado, reservando-lhe o trânsito dos grandes patriarcas. Morreu em Varsóvia, em 22 de outubro de 1948, e seus funerais foram uma apoteose.

Na história da Igreja da Polónia, o cardeal Augusto Hlond foi uma das figuras mais eminentes pelo testemunho religioso de vida, pela grandeza, variedade e originalidade do seu ministério pastoral e pelos sofrimentos que enfrentou com intrépido espírito cristão pelo Reino de Deus, fazendo resplandecer com luz vivíssima um dos períodos mais heroicos vividos pelo povo polonês. De fato, sua

vida está intimamente ligada, tanto pelos valores espirituais quanto pelos acontecimentos externos em que esteve envolvido, à vida do povo que a Igreja lhe confiou e que ele amou e serviu como verdadeiro pastor e pai. Como declarou o cardeal Estêvão Wyszyński, primaz da Polônia e sucessor do cardeal Hlond: “Ele foi, sem dúvida alguma, um homem de Estado! No entanto, o que prevalece na vida do cardeal Hlond é a sua alma profundamente religiosa, de fé profunda, uma alma sincera como o povo da Silésia, talvez até dura como o carvão, fruto daquela terra, mas ardente na simplicidade da sua fé profunda e na sua total dedicação a Deus».

6. Antônio de Almeida Lustosa (1886-1974) arcebispo, servo de Deus

Em 1924, foi nomeado bispo de Uberaba (Brasil), diocese do chamado “Triângulo Mineiro”. Ele quis ser consagrado em 11 de fevereiro de 1925, em memória da presença de Nossa Senhora em sua vida. Entrou na diocese acolhido por uma população duplamente em festa: pela chegada do novo pastor após dois anos de sede vacante e por uma chuva torrencial, esperada após meses de seca e calor. Encontrou o seminário menor vazio e o maior com um único diácono. No ano seguinte, tinha ao seu redor cerca de trinta seminaristas do ginásio. Dedicou-se totalmente ao ministério pastoral, visitando todas as paróquias e todos os núcleos habitados da diocese, então muito extensa, com viagens longas e pouco confortáveis.

Em 1928, após menos de três anos, foi transferido para Corumbá, no Mato Grosso, sede maior e com maiores dificuldades para a evangelização. Três anos depois, foi nomeado arcebispo de Belém do Pará, imensa diocese do Norte. Lá permaneceu dez anos, dedicando-se com a generosidade de sempre. O núncio apostólico Aloísio Masella o definia como uma das figuras mais eminentes do episcopado brasileiro pela santidade e dedicação pastoral. Em 1941, foi transferido para a importante sede de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Chegou lá no auge da maturidade e da experiência espiritual, e foi lá que deu o melhor de si, deixando, após 22 anos de permanência, a marca mais significativa de seu zelo apostólico e de sua santidade.

Dom Lustosa foi um grande asceta e assim também parecia exteriormente, “um envelope aéreo”, dizia-se de sua pessoa física. Era dotado de uma vontade adamantina que traía o fogo que ardia dentro dele. Viveu pobremente: “Não tenho nada”, escreveu em seu testamento. Foi um homem de oração, humilde, dedicado à penitência. Sabia aproximar-se de todos, especialmente dos mais necessitados.

“Continuaria aqui simplesmente a trabalhar para o *Pai Nosso*: Santificado seja o Vosso nome! Venha a nós o Vosso Reino; o programa de um bispo é sempre o mesmo: cumprir o seu dever!”.

7. *José Guarino (1827-1897) cardeal, cooperador salesiano, servo de Deus*

Nasceu em Montedoro, província de Caltanissetta, em 6 de março de 1827, completou os estudos no seminário de Agrigento e foi ordenado sacerdote em 1849. Em 1871, foi eleito arcebispo de Siracusa, onde soube conquistar os corações e revigorar o fervor da vida religiosa, enquanto em 1875 Pio IX lhe confiou a arquidiocese de Messina, que Dom Guarino governou por 22 anos. A ele, em particular, deve-se a reorganização do seminário e a presença ativa e meritória de religiosas e religiosos chamados a colaborar. Além disso, em 1889, ele mesmo fundou uma nova família religiosa: as Pequenas Servas – hoje Apóstolas – da Sagrada Família, confiando-lhes a missão de trabalhar pelo crescimento e amadurecimento religioso e social das jovens e pela promoção integral da família. Destacou-se sobretudo pela caridade ativa que atingiu o auge do heroísmo durante as epidemias de varíola e cólera que assolaram Messina entre 1885 e 1887. Por ocasião do terremoto que devastou a cidade em 1894, ofereceu a Deus a própria vida para que fossem limitados os danos e as vítimas. No Consistório de 18 de janeiro de 1893, foi nomeado cardeal por Leão XIII. Morreu em Messina em 21 de setembro de 1897.

O cardeal Guarino sempre admirou Dom Bosco e, embora mantivesse com ele apenas uma relação epistolar, apoiou-o em suas obras, a ponto de receber do santo educador o título de “cooperador salesiano”. “Parecia todo cheio do espírito de Dom Bosco, afável, doce com todos”, escreveu um de seus biógrafos. Para os jovens, o servo de Deus pediu a Dom Bosco que enviasse os salesianos a Messina, mas só os obteve em 1893, com o sucessor o P. Rua.

8. *Orestes Marengo (1906-1998) bispo, servo de Deus*

Ele voltava de uma longa viagem de atividades apostólicas em julho de 1951, quando foi surpreendido por uma notícia que não esperava e não desejava: sua

nomeação como bispo da diocese em formação de Dibrugarh. Inúteis foram seus protestos, seus prantos; ele só se rendeu quando o Reitor-Mor dos Salesianos, o P. Pedro Ricaldone, lhe escreveu “que era seu desejo que ele aceitasse o cargo, com a certeza de que a Auxiliadora e Dom Bosco o ajudariam a cumpri-lo”. Foi consagrado bispo na Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, em 27 de dezembro de 1951. A diocese que lhe foi confiada ocupava a parte norte de Assam e tinha uma extensão de 130.000 quilômetros quadrados, com uma população de 3.365.000 habitantes, dos quais apenas 40.000 eram católicos. Quando assumiu o cargo, havia apenas cinco centros missionários, com 200 pequenas comunidades espalhadas pelo imenso território. Incansável, trabalhou para multiplicar os centros residenciais, formar catequistas, construir escolas, capelas, dispensários; aproximar novas tribos, abrir aspirantados para recrutar vocações indígenas para o seminário e para as congregações religiosas que havia chamado para trabalhar em sua diocese. As conversões multiplicam-se como um novo Pentecostes. Ele administra milhares de batismos, crismas, casamentos; escala caminhos impraticáveis para visitar todas as comunidades; enfrenta serenamente as hostilidades da natureza, dos irmãos separados, das tribos em revolta, conquistando a todos com sua bondade inalterável e sua caridade generosa.

Quando a diocese está em pleno desenvolvimento e começa a colher os frutos de tantos esforços, eis uma nova obediência: a Santa Sé convida-o em 1964 a transferir-se para Tezpur para abrir uma nova diocese, que compreendia parte de Assam, todo o estado do Butão e a parte montanhosa a nordeste do Brahamaputra: um território de cerca de 130.000 quilômetros quadrados, com 1.500.000 habitantes, dos quais apenas 48.000 católicos. Ele se lançou no novo campo de trabalho com o entusiasmo de sempre, auxiliado por seus valiosos coirmãos, para ampliar as fronteiras pacíficas da Igreja, superando obstáculos e dificuldades de todo tipo, agravados por uma hostilidade que se estava formando contra os estrangeiros na região. Por este motivo, a Santa Sé decidiu, após oito anos de intenso trabalho, confiar também esta diocese a um bispo indiano.

Dom Marengo foi convidado em 1972 a iniciar sua terceira diocese em Tura, um vasto território habitado principalmente pela tribo dos Garo, muitos dos quais refugiados do Paquistão oriental. Havia apenas 36.000 católicos, com 14 missionários trabalhando nos principais centros. Ele construiu a residência episcopal, a catedral, novas residências, multiplicando as obras de caridade para os muitos pobres, leprosos e refugiados. Em poucos anos, também esta diocese conheceu um desenvolvimento inesperado, a ponto de poder ser confiada em 1978,

de acordo com as disposições do governo, a um bispo do clero local.

Dom Marengo, apesar das insistências do novo bispo para que permanecesse com ele em Tura, para lhe deixar plena liberdade de ação, preferiu retirar-se para Mendal, a 63 quilômetros da capital, para ajudar o responsável pela zona, que tinha de acompanhar 20 comunidades. Assim, este homem, aos 76 anos de idade, dos quais 58 passados em missão, continua como simples missionário itinerante o trabalho apostólico ao serviço do homem. Continua a disponibilizar-se nas várias missões até à sua morte, ocorrida em Tura, em 30 de julho de 1998. Até o fim de sua longa vida, Dom Marengo foi um missionário heroico, ícone vivo do Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas. A obediência aos superiores, o anseio pela salvação das almas e o típico otimismo salesiano foram as características mais evidentes e mais amadas deste bispo missionário salesiano no nordeste da Índia.

9. Carta de Dom Bosco a Dom Eduardo Rosaz (1830-1903), bispo de Susa, beatificado por São João Paulo II em 1991

Bispo eleito de Susa, onde era cônego, Dom Rosaz foi preconizado no último consistório de Pio IX, em 31 de dezembro de 1877. Deixou fama de prelado hábil e virtuoso. Amava muito Dom Bosco.

Caríssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo,

Em tempo oportuno, recebi de Turim e depois da sua querida carta como o grande Pontífice Pio IX expressou o seu pensamento paterno sobre o senhor e o proclamou Bispo de Susa. Fiquei muito surpreso porque sei o quanto o senhor se considera humilde e como terá que assumir uma nova postura em palavras e obras. Mas logo bendisse ao Senhor porque estava e estou convencido de que a Igreja ganhava um bispo segundo o coração de Deus e que o senhor faria muito bem à Diocese de Susa.

Regozijo-me muito e, com todo o afeto do meu coração, ofereço-lhe todas as casas da nossa Congregação para qualquer serviço que possam prestar à sua respeitável pessoa ou à Diocese que a Divina Providência lhe confiou.

Não pretendo fazer-lhe de mestre, mas acredito que em breve terá nas suas mãos o coração de todos:

1º Se cuidar especialmente dos doentes, dos idosos e das crianças pobres.

2º Proceder com muita cautela ao fazer mudanças no pessoal já estabelecido por seu antecessor.

3º Fizer o que puder para ganhar a estima e o afeto de alguns que ocupavam ou ocupam cargos elevados na diocese; os quais julgam ter sido negligenciados e Vossa Excelência preferido.

4º Ao tomar medidas severas contra qualquer membro do clero, que seja cauteloso e, na medida do possível, ouça o acusado. Espero, aliás, que em março possamos conversar pessoalmente.

Hoje, por volta das 3h30, extinguiu-se a estrela suprema e incomparável da Igreja, Pio IX. Os jornais lhe darão os detalhes. Roma está toda consternada e creio que o mesmo acontece em todo o mundo. Em breve ele estará certamente nos altares.

Creio que Vossa Excelência me permitirá continuar a escrever com a confiança do passado; e, rezando a Deus que o ilumine e preserve em boa saúde, recomendo-me à caridade de suas santas orações e professo-lhe a minha máxima veneração.

1. V. S. Rev.ma e Car.ma

Roma, 7 de fevereiro de 1878, Torre de' Specchi, 36.

Aff.mo Amigo Sac. João Bosco.

Conclusão

Dois sinais que expressam bem o modo de ser bispo segundo o espírito de Dom Bosco.

O rosário de São Luís Versiglia: sinal da entrega incondicional da própria vida e missão à Auxiliadora da Igreja e Rainha dos Apóstolos.

O cilício deste bispo mártir: sinal de que não há fecundidade apostólica sem sacrifício e doação de si mesmo até o martírio, não há *“Da mihi animas”* sem *“Caetera tolle”*.

Contemplando o grande retábulo de Lorenzone, encomendado por Dom Bosco para a basílica de Maria Auxiliadora em Turim, nota-se como Maria é representada coroada pelos apóstolos, os primeiros bispos, cada um dos quais é representado com o instrumento do seu martírio nas mãos. A tela da abside, com a bela imagem da Virgem, representa tanto a eclesiologia quanto a mariologia de Dom Bosco: Maria é figura da Igreja, mãe e modelo dela, onde o rosto da mãe é igual ao rosto do Filho, e onde ela aparece sustentada por Pedro e Paulo, e cercada pelos apóstolos e evangelistas. Em uma palavra: uma Igreja apostólica e missionária. A Virgem de Dom Bosco é uma Rainha, sim, coroada com doze estrelas e vestida de sol, como a Mulher Sinal do Apocalipse, amorosa, providencial, com os braços abertos para dar e oferecer seu Filho. O Filho, por sua vez, segundo as palavras de Dom Bosco, “mantém os braços abertos, oferecendo assim suas graças e sua misericórdia àqueles que recorrem à sua Augusta Mãe”. A Virgem de Dom Bosco “está vestida de sol”, cheia de poder, porque imersa naquele mar de luz que é Deus, imersa no mistério da Trindade, que ilumina sua pessoa e sua missão. Assim é como Dom Bosco a queria e assim conseguiu representá-la na tela de Lorenzone, que, cheio de emoção, exclamou: “Não sou eu que pinto. É outra mão que guia a minha”.

A Virgem de Dom Bosco é imagem da Igreja, a celeste que já celebra as núpcias do Cordeiro, e a terrena que caminha neste mundo, imersa, portanto, no mistério de Deus e envolta na sua luz, mas presente nas nossas vicissitudes históricas, atenta às nossas necessidades, presente e viva nas nossas famílias, como em todas as Casas salela missão da Igreja, que protege sob seu manto todos os seus fiéis, os nutre e os faz amadurecer até a plenitude da vida em Cristo. O significado de todo o quadro é muito claro: assim como Maria estava presente junto aos apóstolos em Jerusalém durante o Pentecostes, portanto no início da atividade da Igreja, assim também Ela continua a proteger e guiar a Igreja ao longo dos séculos. Maria é a “Mãe da Igreja”, *Auxilium Christianorum et Auxilium Episcoporum* [Auxílio dos Cristãos e Auxílio dos Bispos], em sua luta contínua pela difusão do Reino de Deus.